

## METODOLOGIA DE PROJETOS NA EJA: OS CURSOS DE SUPLÊNCIA DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BETIM (1995-1999)

*Ana Rafaela Correia Ferreira  
Universidade Federal de Minas Gerais  
anarafaelacf@yahoo.com.br*

*Maria Laura Magalhães Gomes  
Universidade Federal de Minas Gerais  
mlauramgomes@gmail.com*

### **Resumo:**

Este trabalho apresenta um recorte de nossa pesquisa de doutorado que investigou as representações de professores de Matemática sobre suas práticas em cursos de Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA), oferecidos pela rede pública municipal de educação de Betim - Minas Gerais, no período de 1988 a 2007. Tomando por base entrevistas realizadas com 17 educadores e utilizando a História Oral e a História Cultural como referencial teórico-metodológico, nossa intenção é analisar sua atuação nessa modalidade de ensino, descrevendo suas concepções sobre o que seja ensinar matemática para estudantes jovens, adultos e idosos. Nesse artigo, focalizamos as estratégias contadas pelos educadores sobre a realização de projetos em um curso de suplência que vigorou entre 1995 e 1999 nessa rede municipal. Por meio de suas narrativas, os educadores afirmaram buscar estratégias diferenciadas de modo a atender as especificidades do público, destacando a metodologia de projetos como uma de suas possibilidades.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; História da Educação Matemática; História Oral; Metodologia de Projetos.

### **1. Introdução**

Este trabalho apresenta fragmentos de nossa pesquisa de doutoramento, que busca elaborar uma compreensão sobre o ensino de Matemática em cursos noturnos para estudantes jovens e adultos, no segundo segmento do Ensino Fundamental, oferecidos pela Rede Pública Municipal de Educação (RME) de Betim - Minas Gerais no período 1988- 2007. A partir das representações de professores de Matemática e de pedagogos e coordenadores que atuaram nesses cursos, nossa intenção é discutir suas percepções, crenças, padrões de comportamento e estratégias sobre o ensinar e aprender Matemática em cursos de Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA).

Tomamos a História Oral como metodologia principal para a produção de fontes. Realizamos entrevistas com 17 educadores para investigar sua atuação no contexto da EJA de modo a compreender suas concepções sobre o que seja ensinar matemática para estudantes jovens, adultos e idosos, destacando como se apropriaram dos discursos referentes ao ensino de matemática na EJA naquele período. Este trabalho se insere no campo da História da Educação Matemática, tratando especificamente da História da EJA.

A escolha do marco temporal (1988 a 2007) refere-se ao período entre a promulgação da Constituição Federal de 1988, na qual a educação foi declarada como direito público subjetivo, e o ano de 2007, imediatamente anterior à implantação do atual modelo de organização da EJA na RME de Betim. Escolhemos, para este artigo, focalizar o período referente a 1995 e 1999, em que vigorou o curso de suplência. Esse curso, oferecido de forma experimental em quatro escolas da rede, tinha dois anos de duração, distribuídos em quatro semestres. Direcionado a estudantes trabalhadores, o curso prezava pela formação constante de seus educadores. Para isso, semanalmente eram realizadas reuniões extraturnos, remuneradas, para discussões de aspectos pedagógicos, políticos e administrativos do curso.

## 2. Aspectos teórico-metodológicos

Escolhemos a História Oral como metodologia para o desenvolvimento deste estudo, como muitas outras pesquisas em História da Educação Matemática. Para demarcar o que entendemos por História Oral, em linhas mais gerais, utilizamos a definição de Verena Alberti (2004, p. 18):

É um método de pesquisa (...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. (...) Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.

Entrevistamos um grupo de 17 profissionais, entre professores e pedagogos que trabalharam nos – ou coordenaram os – cursos destinados a estudantes jovens e adultos na rede municipal de educação de Betim, no período de 1988 a 2007. Dentre os nossos colaboradores, onze são professores de Matemática: Fátima Maria Simões Magalhães, Pedro Mauro Bicalho Carvalhaes, Luiz Carlos da Cunha, Lucinda Imaculada de Barcelos Santos, Tácito Pereira Maia, Silvana Aparecida Ferreira Bicalho Carvalhaes, Mônica Chateaubriand Domingues, Danilo José de Souza, Justina Beatriz Valdez, Cordovil Neves de Souza (apelidado como Vila) e Lázaro Mariano Alves. Quatro dos entrevistados são pedagogos: Alfredo Elmer Johnson Rodriguez, Mônica Raquel de Azevedo, Eliana Maria Batista Lima e Maria do Carmo Amaral Gomes da Mata (conhecida como Carminha), sendo que desses, dois foram coordenadores (Alfredo e Carminha). Também entrevistamos uma professora das séries iniciais, Darli Dias de Andrade, que foi coordenadora do Ciclo de Ensino e Aprendizagem do Noturno (CEAN), e uma professora de Ciências da EJA, Rozana Sabino, trazida por um dos professores de Matemática no momento da entrevista. Destacamos que, para a seleção dos sujeitos, não estabelecemos nenhum critério claro de escolha a priori. Também não houve uma preocupação de representatividade amostral ou estatística na seleção dos colaboradores.

Após a realização das entrevistas e suas respectivas transcrições, produzimos as textualizações, que também chamamos de narrativas. De modo simplificado, as textualizações que elaboramos são versões editadas das entrevistas transcritas, nas quais são suavizadas as marcas da oralidade, além de as falas serem agrupadas tematicamente. Todos os entrevistados assentiram na divulgação de seu nome e autorizaram a utilização das gravações, transcrições e textualizações de suas entrevistas. No que diz respeito às textualizações que produzimos com base nas transcrições, os colaboradores, em alguns casos, solicitaram pequenos ajustes nos textos que primeiramente lhes apresentamos.

A História Oral se propõe a escutar os sujeitos. Nas entrevistas que realizamos, mereceram atenção não somente os "fatos", mas os sentidos, os sentimentos, os significados e as interpretações que eles conferem ao que vivem ou viveram (AUAREK; NUNES; PAULA; 2014). Nesse sentido, Alberti (2006) enfatiza que o relato pessoal deixa de ser visto como exclusivo de seu autor e torna-se capaz de transmitir experiências coletivas e visões de mundo que são construídas e configuradas em determinados contextos históricos e sociais.

Para Aragão, Timm e Kreutz (2013), o papel do historiador não é buscar as verdades nas falas dos colaboradores, mas entendê-las como representações, como construções, ou seja, como possibilidades de compreensão do objeto em seu contexto. Assim sendo, a visão de mundo e dos acontecimentos reveladas pelos depoentes têm como parâmetro o presente, aquilo que eles vivenciam hoje. “As lembranças, quase sempre, passam pelo crivo dos valores atuais, resultantes da inter-relação sociedade-indivíduo, que determinam um tipo de discurso, de prática, de experiência” (GARNICA; SOUZA, 2012, p. 105).

Escolhemos, também, no trabalho, a perspectiva da História Cultural, na qual buscamos “decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2008, p. 42). Afinal, consideramos que cada indivíduo, enquanto sujeito histórico, compreende e interpreta um acontecimento qualquer construindo uma representação particular do ocorrido (SILVEIRA, 2007). Para a elaboração deste artigo, conferimos atenção aos momentos em que nossos entrevistados falaram sobre os projetos que eram desenvolvidos nos cursos de suplência na RME de Betim (entre 1995 e 1999).

### 3. Os projetos nas aulas do curso de suplência

Um ponto convergente que observamos em relação às práticas pedagógicas é que a metodologia principal de trabalho era a de projetos, buscando a interdisciplinaridade, ou, pelo menos, a multidisciplinaridade. A pedagoga Eliana enfatizou a importância desse tipo de trabalho na EJA: *A nossa metodologia de trabalho continuamente envolvia projetos. Isso desde o início da suplência mesmo, passando por todas as modalidades<sup>1</sup>. Nós percebemos que a partir do momento em que você está no coletivo, trabalhando alguma coisa dentro da realidade do aluno, isso aproxima mais o aluno da escola.* Silvana também citou essa perspectiva de trabalho: *A nossa metodologia funcionava bem, pois trabalhávamos através de projetos interdisciplinares<sup>2</sup>.*

<sup>1</sup> Eliana referia-se aos outros cursos de EJA da rede municipal de Betim em outros momentos: CEAN – Ciclo de Ensino-Aprendizagem do Noturno, Ensino formal, etc.

<sup>2</sup> Apresentaremos os trechos das narrativas dos colaboradores em itálico.

Silvana

contou ainda que todos os projetos eram muito discutidos, especialmente entre a equipe de professores da própria escola: *Inicialmente, essas discussões aconteciam por escola, conforme a realidade de cada uma. Por exemplo, a minha escola já era mais central, as demais não. O 'Barão do Rio Branco'<sup>3</sup>, por exemplo, era uma escola mais com perfil de escola rural, hoje nem tanto, mas naquela época sim. Os moradores da região eram sitiantes, então, uma realidade diferente da nossa. A escola tinha liberdade de conduzir os seus projetos. Agora, existia uma espinha dorsal, vamos dizer assim, dos conteúdos. A gente discutia isso no grupo de Matemática.*

Além das discussões na própria escola, os educadores do curso de suplência participavam de reuniões quinzenais de formação na Secretaria Municipal de Educação. Essas reuniões tinham a participação de todos os educadores das quatro escolas que ofereciam a suplência, sempre na terça-feira à tarde, e eram remuneradas. Aspectos pedagógicos e administrativos eram abordados nesses encontros.

Carminha relatou que a perspectiva de projetos de trabalho, especialmente, era muito estudada nas formações: *A gente falava sobre as possibilidades de se trabalhar com projetos em que todas as disciplinas estivessem engajadas.* Na sua visão, o mais interessante *era ver o envolvimento dos professores nos planejamentos e na busca de metodologias diferentes para atingir o aluno, que é uma coisa que a gente precisaria resgatar hoje.* Nesse sentido, a pedagogia de projetos seria uma possibilidade significativa e, por isso, foi considerada como estratégia pedagógica central no curso de suplência.

A discussão sobre "Interdisciplinaridade" e "Projetos de Trabalho" era muito forte no meio educacional na década de 1990. Garcia (2008) afirma que no Brasil, nos anos 90, registrou-se um fluxo considerável de publicações sobre o assunto, nas quais encontramos discussões sobre os fundamentos didático-pedagógicos da interdisciplinaridade, inaugurando um novo modo de debate sobre práticas interdisciplinares na escola. O autor, inclusive, menciona que, no Brasil, "esse conceito tem estado presente em documentos educacionais

---

<sup>3</sup> Silvana refere-se à Escola Municipal “Barão do Rio Branco”, localizada na Rodovia MG 050 - Estrada de Esmeraldas – Vianópolis, em Betim. Há certo tempo, a escola era considerada rural. Porém, com o crescimento da cidade, atualmente se encontra em zona urbana.

desde os anos 70, quando sua utilização estava inicialmente articulada à noção de integração (FAZENDA, 1979)<sup>4</sup> (GARCIA, 2008, p. 364).

Em Betim, a interdisciplinaridade e a pedagogia de projetos tiveram destaque, segundo nossos entrevistados. Para Carminha, *a pedagogia de projetos é muito interessante, permite trabalhos diferenciados e os professores elaboravam tudo juntos, desde a escolha do tema, o que iriam fazer...* Ela elogiou os trabalhos que eram desenvolvidos e acentuou que as reuniões entre escolas favoreciam as trocas de experiência e a elaboração desses projetos: *Eram trabalhos muito ricos. Como os planejamentos aconteciam entre as escolas, aumentava ainda mais a possibilidade de criação, de pensar em mais alternativas para se alcançar um resultado positivo.*

Garcia (2008) pondera que a noção de interdisciplinaridade possui um conjunto plural e dissonante de significados<sup>5</sup>. Pelos depoimentos de nossos colaboradores, observamos que sua concepção sobre o tema é similar à primeira interpretação de interdisciplinaridade descrita por Garcia (2008): a de "construção de pontes" entre conteúdos de diferentes disciplinas do currículo escolar, ou seja, um modo de articular conteúdos. "Isso pode ocorrer, por exemplo, através de processos onde os alunos percebem ou são orientados a perceber relações entre os conteúdos trabalhados em duas ou mais matérias, simultaneamente" (GARCIA, 2008, p. 369).

Isso pode ser verificado no relato da pedagoga Mônica sobre as discussões dos projetos que eram realizadas na própria escola: *Nós construíamos muitos projetos que envolviam todos os professores. A gente escolhia um eixo temático e através dele desenvolvia, relacionando o conteúdo ao projeto.* Verificamos que também havia discussões sobre projetos entre as equipes das escolas que ofertavam o curso de suplência, visto que, muitas vezes, a culminância desses projetos ocorria conjuntamente, conforme relatado por nossos colaboradores. Sobre isso, Mônica Raquel mencionou: *A culminância era feita em feiras, apresentações... (...) Houve época em que as escolas que mantinham o projeto de suplência*

<sup>4</sup> Maria Dirlene Cattai (2007) avalia que no Brasil o "método de projetos" teria se tornado conhecido por meio do movimento da Escola Nova, que seria contrária aos métodos usados pela escola tradicional. Contudo, na literatura educacional brasileira, o trabalho de Ivani Fazenda (1979), escrito a partir de sua dissertação de mestrado defendida no ano anterior, é um dos primeiros que aborda o conceito de interdisciplinaridade na Educação Básica, conforme afirma Garcia (2008). O objetivo do trabalho de Fazenda (1979) era explicitar e conceituar terminologicamente o termo interdisciplinaridade, destacando os estudos que estavam em voga sobre esse assunto naquele momento.

<sup>5</sup> O autor analisa o a destacada presença do termo "Interdisciplinaridade" nos documentos publicados a partir da LDB 9394 de 1996, especialmente os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica.

*faziam apresentação de seus trabalhos realizados na escola para as outras escolas da rede que também ofereciam a suplência. Nós tivemos apresentações no Parque de Exposições<sup>6</sup>, no Ginásio Poliesportivo<sup>7</sup>...*

Centrando-se nos aspectos organizacionais dos projetos, os entrevistados discorreram bastante sobre essas apresentações. A pedagoga Eliana, por exemplo, descreveu: *Na época da suplência, nós apresentávamos nossos trabalhos no Ginásio Poliesportivo. Por exemplo, se escolhia uma mostra de um projeto legal que tivéssemos desenvolvido e cada escola ia participar dessa "Mostra Cultural". Era muito legal.*

Os depoentes também contaram os tipos de trabalhos desenvolvidos. Para Luiz Carlos, os projetos eram sobre temas comuns, semelhantes àqueles que são desenvolvidos com crianças e adolescentes: *A gente fazia muitos projetos, aqueles normais de escola que acontecem até hoje: feira de cultura, feira de ciências... Alguns projetos, assim, de algum tema que é relevante naquela situação, naquele período, como Copa do Mundo, eleições, sempre tinha alguma coisa voltada quando esses assuntos aí estavam em pauta no contexto.*

Outros colaboradores, no entanto, disseram que, mesmo sendo de temas comuns, o objetivo era que esses assuntos tentassem estabelecer uma conexão com o "mundo" e o cotidiano dos estudantes jovens e adultos. Silvana relatou um projeto de eleições que foi realizado na escola em que trabalhava, mostrando a abordagem que era conferida ao tema junto aos estudantes: *Na época de eleições, por exemplo, a gente fazia todo um projeto com eles, mostrando quais os tipos de votos que existem, conscientizando mesmo. Fazíamos uma discussão sobre essa ideia de compra de votos. Lembro-me de recebermos um material muito bom sobre o assunto. Lemos e estudamos antes, e depois cada professor fazia uma parte, cada um trabalhava num tipo de voto para eles se conscientizarem. Depois, a gente finalizava o projeto com palestras, reuniões; às vezes, trazíamos pessoas de fora para falar para eles.*

Silvana enfatizou o planejamento desses trabalhos, que era feito nas reuniões semanais: *Como vamos definir? Que tema trabalhar? Os alunos também ajudavam nessas escolhas. Tudo isso era discutido: "Seu conteúdo vai trabalhar o quê? O meu o quê?"*

<sup>6</sup> O Parque de Exposições "David Gonçalves Lara" foi inaugurado em 1992 e atualmente é utilizado apenas para eventos diurnos.

<sup>7</sup> O Ginásio Poliesportivo "Divino Ferreira Braga" foi inaugurado em **Betim** na década de 1980 e recebe, desde então, diversos eventos.



*Matemática e Geografia, às vezes, não ficavam muito distantes, muita coisa de um conteúdo havia no outro que poderíamos aproveitar. Em Ciências, a mesma coisa, às vezes havia algum assunto que eu poderia entrar com a Matemática na parte deles, então a gente discutia justamente para isso.* Fátima reafirmou a fala de Silvana ao dizer que a Matemática buscava se integrar nesses projetos.

Observamos, a partir das falas de nossos colaboradores, que a perspectiva de “Projetos de Trabalho” assumida pelo curso de suplência se assemelha àquela defendida por Hernández (1998) e Hernández e Ventura (1998). A visão desses autores sobre interdisciplinaridade e pedagogia de projetos circulou muito comum no Brasil na década de 1990 e suas obras foram publicadas em ressonância com os tempos de reforma educacional que nosso país vivenciava naquele período (GARCIA, 2008).

A ideia de projetos de trabalho, para Hernández e Ventura (1998), está muito ligada à de interdisciplinaridade. Eles afirmam que a principal função de um projeto é possibilitar aos estudantes que desenvolvam estratégias globalizadoras de organização dos conhecimentos escolares. Nessa perspectiva, a interdisciplinaridade "seria uma forma de desenvolver projetos, bem como um *caráter* que pode assumir o desenvolvimento das atividades articuladas em um projeto" (GARCIA, 2008, p. 371, grifo no original).

A organização dos Projetos de Trabalho se baseia fundamentalmente numa concepção da globalização entendida como um processo muito mais interno do que externo, no qual as relações entre conteúdos e áreas de conhecimento têm lugar em função das necessidades que traz consigo o fato de resolver uma série de problemas que subjazem na aprendizagem. Esta seria a ideia fundamental dos Projetos (HERNÁNDEZ, VENTURA, 1998, p. 63).

Os relatos dos professores do curso de suplência evidenciaram tentativas de desenvolver trabalhos e projetos de forma interdisciplinar. Contudo, as descrições que nos foram apresentadas levam-nos a perceber como mais forte a ideia de multidisciplinaridade: escolhia-se um tema comum e cada área do conhecimento contribuía de alguma forma. Nessa perspectiva, os professores orientariam os estudantes a pensar questões e temas a partir da ótica de suas disciplinas.



Lázaro enfatizou a participação dos alunos, descrevendo o modo como eles se envolviam: *Também fazíamos muito teatro. (...) Os alunos ajudavam, participavam até da elaboração do roteiro.* O professor contou mais detalhes de uma dessas peças de teatro, destacando, inclusive, que o tema tinha relação com sua própria vivência: *O tema de uma das peças de teatro que fizemos tinha muito a ver comigo, pessoalmente. Eu estava vivendo a questão de ter saído da minha terra para cá e estranhei muito essa diferença do rural com o urbano. Eu vivia isso muito com os alunos também, porque muitos deles tinham uma história parecida com a minha... E começamos a escrever juntos.*

O professor contou que foi escolhida a música "Filho Pobre", com os intérpretes "Jacó e Jacozinho", para o projeto<sup>8</sup>: *Mamãe eu vivo distante da casa que você mora / Estou muito arrependido de um dia ter ido embora / Eu quero voltar e não posso não tenho dinheiro agora / Não vá pensar mamãezinha que o filho saiu da linha / E esqueceu da senhora...*<sup>9</sup>. Ele relatou que os alunos gostavam muito desse tema: *Os alunos se identificavam com isso e me ajudavam a escrever. Havia um pouco da ideia de "filho pródigo"*<sup>10</sup>.

A pedagoga Eliana observou que, no início, houve certa resistência dos estudantes quanto aos projetos que eram desenvolvidos: *(..) os alunos mais velhos ficavam um pouco incomodados nesses projetos, pois para eles parecia que não era aula. Eles estavam mais acostumados com aulas expositivas. Se a gente levasse para ver um vídeo, assistir um filme, não era aula.* Ela comentou que isso foi se modificando aos poucos, a partir da insistência dos educadores: *Uma vez nós fizemos, lá no "Olímpia", várias marchinhas de carnaval, com temas do dia a dia mesmo para eles apresentarem, e foi ótimo. Eles foram aprendendo a conviver, pois, para eles, aquilo não era aula, achavam que o professor estava enrolando; queriam somente aquele "cuspe e giz" a todo o momento. E era giz mesmo, pois eu me lembro de que nem quadro branco tinha... Não queriam participar dos projetos, mas, com o tempo, isso foi mudando.*

É muito comum os estudantes da EJA demonstrarem resistência a modos diferentes de aula. Isso está relacionado à concepção de escola e de aula que eles têm. Fonseca (2001, p.

<sup>8</sup> Nesse momento de sua narrativa, Lázaro cantou um trecho da música.

<sup>9</sup> A música "Filho Pobre", interpretada pela dupla "Jacó e Jacozinho", é de autoria dos compositores Moacir dos Santos e Antônio Jacob.

<sup>10</sup> Lázaro refere-se à parábola do filho pródigo, passagem bíblica contida em Lucas 15:11-32.

344) afirma que os estudantes da EJA "têm perspectivas e expectativas, demandas e contribuições, desafios e desejos próprios em relação à educação escolar".

Nesse sentido, caberia, pois, às instituições educacionais

se comprometerem com uma política de inclusão e de garantia do espaço do adulto na Escola, o que implica uma disposição para a reflexão e para a consideração dessas especificidades no delicado exercício de abandono e de criação, de reordenação e de (re)significação das práticas pedagógicas da EJA (FONSECA, 2001, p. 344).

#### 4. Considerações Finais

Nossa intenção, neste texto, foi tecer algumas reflexões e considerações teóricas sobre a Metodologia de Projetos em cursos de EJA do segundo segmento do Ensino Fundamental, na rede pública municipal de Betim, entre 1995 e 1999. A partir das representações de alguns professores, pedagogos ou ex-coordenadores que trabalharam nesses cursos, objetivamos contribuir para o campo de pesquisa em História da Educação Matemática, especialmente para a formação de professores que atuam na EJA.

A primeira dessas concepções se manifesta num discurso recorrente e muito disseminado nos documentos oficiais de que é importante trabalhar com projetos interdisciplinares ou multidisciplinares. Dessa forma, seria possível "atrair" os estudantes para as aulas, pois seria possível, nesses projetos, trazer elementos da experiência cotidiana desses sujeitos para a escola. Ainda que esses estudantes demonstrassem certa resistência ao trabalho com projetos, há uma convergência na narrativa dos educadores quanto à produtividade dessa metodologia nas aulas do curso de suplência.

Atendendo aos estudos pedagógicos da época sobre metodologia de projetos, a rede municipal de educação de Betim demonstrou incorporar essas discussões, desenvolvendo trabalhos de formação sobre o assunto. As narrativas dos educadores evidenciaram sua tentativa de buscar atender as especificidades dos estudantes jovens, adultos e idosos,

conhecimentos como subsídio para as atividades escolares realizadas nos projetos.

Acreditamos que o conhecimento e a compreensão das práticas e representações dos professores de Matemática em suas experiências pedagógicas com estudantes jovens e adultos realizadas nos parecem fundamentais para o aperfeiçoamento das propostas para a realidade brasileira da EJA na atualidade, porque a análise dessas práticas educativas pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias para a formação de docentes que atuarão junto aos alunos jovens e adultos.

## 5. Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

ARAGÃO, Milena; TIMM, Jordana W.; KREUTZ, Lúcio. A história oral e suas contribuições para o estudo das culturas escolares. **Conjectura: Filos. Educ.** Caxias do Sul, v. 18, n. 2, p. 28-41, maio/ago. 2013.

AUAREK, Wagner A.; NUNES, Célia M.; PAULA, Maria José de. Pesquisa e formação com professores - Contribuições dos estudos da narrativa. In: SOUZA, João V.; DINIZ, Margareth; OLIVEIRA, Míria G. de (Org). **Formação de professores(as) e condição docente**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014, p.120-132.

CATTAL, Maria Dirlene S. **Professores de matemática que trabalham com projetos nas escolas: quem são eles?** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

FAZENDA, Ivani C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo: Loyola, 1979. 107 p.

FONSECA, Maria da Conceição F. R. Lembranças da Matemática Escolar: a constituição dos alunos da EJA como sujeitos da Aprendizagem. **Educação e Pesquisa** (USP), São Paulo, v. 27, n. 2, p. 339-354, 2001.

GARCIA, Joe. A interdisciplinaridade segundo os PCNs. **Revista de Educação Pública**, v. 17, n. 35, p. 363-378, 2012. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/index.php/educacaopublica/article/view/494>>. Acesso em: 27 dez. 2015.

GARNICA, Antonio Vicente M.; SOUZA, Luzia A. de. **Elementos de História da Educação Matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVEIRA, Éder da si. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. **MÉTIS: história & cultura**. V. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.